

VOZES E VERSOS: A TOPOFILIA E A IDENTIDADE NOS POEMAS QUILOMBOLAS DO TOCANTINS

VOICES AND VERSES: TOPOPHILIA AND IDENTITY IN THE QUILOMBOLAS POEMS OF TOCANTINS

Rodrigo Vieira do Nascimento **1**

Eliane Cristina Testa **2**

Patrícia Karla de Moraes **3**

Resumo: Este texto propõe uma reflexão crítica sobre o elo afetivo do sujeito quilombola com o lugar (a topofilia), a preservação de suas memórias, dos traços culturais e identitários. Para tanto, metodologicamente, pauta-se esta investigação nas vozes, nas enunciações e nos versos contidos nos poemas quilombolas publicados no livro “Quilombolas do Tocantins: Palavras e Olhares” (2016), da Defensoria Pública do Estado do Tocantins. Por isso, é um estudo qualitativo e bibliográfico. Como fundamentação teórico utiliza-se os seguintes autores: Tuan (1983, 1979, 2012), Corrêa (1995, 2005, 2009) e Holzer (1996, 1999, 2003), no campo da geografia cultural e humanística e da topofilia, e Stuart Hall (2005, 1999), no campo das discussões sobre identidade. Problematisa-se esta discussão a partir da questão do sentimento de pertencimento ao lugar (topofilia), da memória, dos aspectos culturais e identitários na poesia quilombola. Como alguns resultados apontamos que as vozes quilombolas nas suas singularidades expressam uma potência e uma valorização do sentimento de pertencimento (topofílico), por meio de suas auto-histórias e de seus traços identitários.

Palavras-chave: Poesia. Topofilia. Memória. Identidade. Quilombolas. Tocantins.

Abstract: This text proposes a critical reflection on the affective bond of the quilombola subject with the place (topophilia), the preservation of their memories, cultural and identity traits. Therefore, methodologically, this investigation is based on the voices, enunciations and verses contained in the quilombola poems published in the book “Quilombolas do Tocantins: Palavras e Olhares” (2016), by the Public Defender of the State of Tocantins. Therefore, it is a qualitative and bibliographical study. As a theoretical foundation, the following authors are used: Tuan (1983, 1979, 2012), Corrêa (1995, 2005, 2009) and Holzer (1996, 1999, 2003), in the field of cultural and humanistic geography and topophilia, and Stuart Hall (2005, 1999), in the field of discussions about identity. This discussion is problematized based on the question of the feeling of belonging to the place (topophilia), memory, cultural and identity aspects in quilombola poetry. As some results, we point out that the quilombola voices in their singularities express a power and an appreciation of the feeling of belonging (topophilic), through their self-stories and their identity traits.

Abstract: Poetry. Topophilia. Memory. Identity. Quilombolas. Tocantins

-
- 1** Doutor em Letras pela Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Docente na Universidade Estadual do Tocantins (Unitins). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8227728628110178>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6699-164X>. E-mail: rodrigo.vn@unitins.br
 - 2** Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC/SP). Docente da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Câmpus de Araguaína. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1380068536161923>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0863-4297>. E-mail: poetisalia@gmail.com
 - 3** Mestre em Letras pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Docente da Secretaria de Educação do Estado do Tocantins (SEDUC-TO). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9981992445704225>. E-mail: patriciapkm@hotmail.com

Considerações iniciais

Por muito tempo, o conceito de lugar foi tratado na Geografia como termo autoexplicável, pois estava associado à ideia de região e localização geográfica. Contudo, com a disseminação das distintas correntes do pensamento geográfico, a exemplo, a humanística e a dialética marxista, são vários os significados e as interpretações para a acepção “lugar”, podendo, assim, ser aplicada sob distintas propostas e abordagens diferenciadas, transgredindo meramente de uma referência locacional para uma importante categoria de análise.

O conceito de lugar, nesta discussão, comunga com uma concepção teórica geográfica mais contemporânea, abordada pelas dimensões da Geografia Cultural¹. O seu ponto de partida é a constatação que o espaço social está carregado de uma noção subjetiva e cultural, sendo determinado “tanto por sua dimensão territorial, como por sua dimensão histórico-cultural” (BONNEMAISON, 2002, p. 255). O lugar, nessa perspectiva, é compreendido como ponto do espaço, a qual refere-se a “um tratamento geográfico do mundo vivido”, manifestado por meio “de um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas, instituições—cooperação e conflito são a base da vida em comum” (SANTOS, 1997 apud SUERTEGARAY, 2001, n/p). Compreender o lugar, na perspectiva geográfica cultural, pressupõe o regaste das tradições e memórias de um grupo, através dos dogmas, crenças, mitos, dança, culinária, entre outros.

O chão quilombola é um território amplamente dotado de experiências historicamente situadas, principalmente, na formação social brasileira, especialmente, no que concerne a sua luta pela liberdade. Trata-se, por essa razão, de um campo simbólico cultural carregado de signos, de práticas e de valores. É, por certo, uma instância que preserva crenças, memórias, representações, língua, religião, saberes tradicionais etc., resguardados em um passado político, histórico e social. Trata-se de “um lugar com um nome, uma referência forte no imaginário do grupo, construindo noções de pertencimento”, em linhas gerais, “[...] de um espaço conquistado pela permanência, pela convivência, que ganha importância de uma tradicionalidade, ao servir de suporte para a existência de um grupo de pessoas aparentadas por afinidade e consanguinidade ou, até mesmo, por uma afiliação cosmológica” (BRASIL, 2013, p. 438-439).

Considerando, sobretudo, “a percepção, as atitudes e valores envolvidos na relação entre os seres humanos e o meio ambiente” (COSTA; ROCHA, 2010, p. 38), o propósito deste trabalho é analisar o elo afetivo do sujeito quilombola com o lugar (a topofilia), a preservação de suas memórias e como expressam seus traços culturais e identitários. Para tanto, o estudo se engendra a partir das vozes, das enunciações e dos versos contidos nos poemas quilombolas, que se encontram publicados no livro “Quilombolas do Tocantins: Palavras e Olhares” (2016), da Defensoria Pública do Estado do Tocantins, consideradas, neste estudo, auto-histórias que mobilizam uma identidade por meio da poesia quilombola.

A questão norteadora deste trabalho envolve, com efeito, uma reflexão acerca da seguinte pergunta: É possível visualizar o sentimento de pertencimento ao lugar (topofilia), memória e aspectos culturais e identitários na poesia quilombola? Diante de tal questionamento, buscou-se possíveis respostas na poesia quilombola.

Metodologicamente, é uma pesquisa qualitativa e bibliográfica. Como fundamentação teórica, utiliza-se os seguintes autores: Tuan (1983, 1979, 2012), Corrêa (1995, 2005, 2009) e Holzer (1996, 1999, 2003), no campo da geografia cultural e humanística e da topofilia, e Stuart Hall (2005, 1999), no campo das discussões sobre identidade.

Afora as considerações iniciais, as considerações finais e as referências, este trabalho está dividido em seções, a saber: (i) Auto-histórias quilombolas e traços identitários: palavras e olhares; (ii) “Fátima, Presente!”: Saberes populares, tradicionais e ancestrais dos quilombolas do Tocantins.

1 A geografia cultural, subcampo da geografia, busca compreender a interação humana com a natureza e seu papel na ordenação do espaço. Claval (2002, p.20) sumariza o objetivo da abordagem cultural na geografia: “entender a experiência dos homens no meio ambiente e social, compreender a significação que estes impõem ao meio ambiente e o sentido dado às suas vidas. A abordagem cultural integra as representações mentais e as reações subjetivas no campo da pesquisa geográfica” (CLAVAL, 2002, p.20).

Auto-histórias quilombolas e traços identitários: palavras e olhares

A obra “Quilombolas do Tocantins: palavras e olhares”, editado pela Defensoria Pública do Tocantins - TO, em 2016, é um livro elaborado a partir de um concurso cultural “Ser Quilombola”, que foi organizado pelo DPAGRA (Núcleo Especializado da Defensoria Pública Agrária). O lançamento oficial desta publicação ocorreu no dia 23 de setembro de 2016, na ocasião do seminário “Direito à terra e os conflitos agrários no Tocantins: uma perspectiva das instituições do sistema de justiça”, que ocorreu na sede da Defensoria Pública do Estado do Tocantins, em Palmas - TO. Foram selecionados 17 poemas, de 12 comunidades quilombolas do Tocantins.

Na coletânea encontramos, em sequência, respectivamente, os seguintes títulos (com autoria e localidade), são eles: “*Meu Quilombo*”, de Dayana Rodrigues (Comunidade de Malhadinha, do Município de Brejinho de Nazaré); “*Ser Quilombola*”, de Maria Aparecida Ribeiro de Sousa (Comunidade Povoado Prata Município, São Félix do Tocantins); “*Identidade Quilombola*”, de Evandro Moura Dias (Comunidade Káagados, do Município de Arraias); “*Sou Quilombola*”, de Rojaimo Ferreira da Costa (Comunidade Córrego Fundo Município, Brejinho de Nazaré); “*Sou quem eu sou*”, de Laurenita Gualberto (Comunidade Fazenda Lajeado, do Município De Dianópolis); “*Minha história*”, de José Ribeiro de Sousa (Comunidade Malhadinha, do Município Brejinho de Nazaré); “*Povo forte*”, de Katiane Dionízio de Santana (Comunidade Chapada da Natividade, do Município da Natividade); “*Negro Guerreiro*”, de Carlos Eduardo Negres Victorio – Caê (Comunidade Morro de São João, do Município Santa Rosa do Tocantins); “*Ser Quilombola*”, de Jader Vinicius da Silva (Comunidade Lagoa da Pedra, do Município Arraias); “*Ser Quilombola*”, de Rosâna Pereira de Souza (Comunidade de Cocalinho, do Município de Santa Fé do Araguaia); “*Ser Quilombola*”, de Maria Raquel M. da Silva (Comunidade Carrapiché, do Município de Esperantina); “*Quilombola sempre*”, de Adelane Martins Bezerra (Comunidade Currealinho do Pontal, Município de Brejinho de Nazaré); “*Orgulho de Ser quilombola*”, de Adão Fernandes da Cunha (Comunidade Vão de Almas, do Município Cavalcante – Goiás); “*Atrás de uma conquista, uma história existe*”, de Divania Deltrude Moreira (Comunidade Areia Território Kalunga, do Município - Monte Alegre – Goiás); “*Ser quilombo: ter lugar, ter beleza*”, de Maria Gualberto Pereira (Comunidade Lajeado, do Município Dianópolis); “*Ser quilombola*”, de Ariadne Cezar Nogueira (Comunidade Malhadinha, do Município de Brejinho de Nazaré); “*Ser quilombola*”, de Gabriela Pereira Silva (Comunidade Prachata, do Município de Esperantina); “*Ser quilombola*”, de Katiane Dionízio de Santana (Comunidade Chapada da Natividade, do Município da Natividade); “*Ser quilombola*”, de Rojaimo Ferreira da Costa (Comunidade Córrego Fundo Município, Brejinho de Nazaré); “*Ser quilombola*”, de Jader Vinicius da Silva (Comunidade Lagoa da Pedra, do Município de Arrais); “*Ser quilombola*”, de Rosâna Pereira de Souza (Comunidade Cocalinho, do Município Santa Fé do Araguaia); “*Ser quilombola*”, Maria Raquel M. da Silva (Comunidade Carrapiché, do Município Esperantina); “*Quilombola sempre*”, de Adelane Martins Bezerra (Comunidade Currealinho do Pontal, do Município Brejinho de Nazaré), e as Menções Honrosas, “*Orgulho de ser quilombola*”, de Adão Fernandes da Cunha (Comunidade Vão das almas, do Município Cavalcante – Goiás) e “*Atrás de uma conquista, uma história existe*”, de Divania Deltrude Moreira (Comunidade Areia Território Kalunga, do Município - Monte Alegre – Goiás).

O livro, na primeira parte da publicação, intitulada “Palavras e Olhares”, vem acompanhado das fotografias das/dos participantes, a partir dos poemas selecionados no Concurso, num diálogo poético entre o texto e a imagem. A segunda parte é dedicada às comunidades quilombolas do Tocantins e traz informações condensadas dos quatro anos de atuação da Defensoria Pública, junto aos remanescentes de quilombo do estado. Por fim, na última parte do livro, apresenta um balanço do concurso, que possibilitou que os textos quilombolas de Norte a Sul do Tocantins chegassem até a Defensoria Pública².

Ressaltamos que, em virtude da natureza deste trabalho, não conseguimos analisar todos os poemas presentes na coletânea. Por isso, foram selecionados apenas alguns poemas. Também, mobilizamos fragmentos e/ou trechos dos poemas na perspectiva interpretativista, quando se fez

² Informações extraídas e adaptadas do site oficial da Defensoria Pública do Estado do Tocantins. Disponível em: <https://www.defensoria.to.def.br/noticia/20694-quilombolas-do-tocantins-em-palavras-e-olhares>. Acesso em: 25 ago. 2021.

necessário.

Verificamos que o poema “Ser Quilombola”, de Maria Aparecida Ribeiro de Sousa, segundo poema encontrado na coletânea “Quilombolas do Tocantins: palavras e olhares” (2016), materializa, discursivamente, o orgulho do pertencimento ao local (topofilia), a valorização em ser negro, com sua identidade e cultura. Ouçamos o poema, a seguir:

Ser Quilombola é ter orgulho
É assumir o pouco que tem
Assumir o cabelo torrado
E a pele negra também
Ser Quilombola é ter coragem
E amor no coração.

Ser Quilombola é não ter medo
De racismo ou exclusão
É olhar olho no olho
É assumir a sua identidade,
Respeitando as diferenças
No campo e na cidade.

Ser quilombola não é vergonha
Ser quilombola não é defeito
Ser quilombola é não ter medo
De lutar por seus direitos
Isso não se resume
No simples ato de falar, às vezes é necessário
Até mesmo se calar.

Não adianta pele clara
Ou vermelho coração
Descendente de africano
Não se pode negar não
Orgulho de ser Brasil
Orgulho de ser jalapoeira
Orgulho de ser Quilombola
Quilombo povoado do Prata
Isso sim é ser Quilombola
Com orgulho e emoção
Não importa sua idade
Ser negro de coração

(Maria Aparecida Ribeiro de Sousa - Comunidade Povoado Prata Município São Félix do Tocantins)

É nesta seara poética de experiências e (con)vivências que o espaço topofílico se integra totalmente à questão identitária, uma vez que ser quilombola é ser “Descendente de africano”, é ser brasileiro, jalapoeira, do povoado do Prata, no “Campo e na cidade”, todo espaço vivenciado, corporificado de lutas e resistência, é não negar, a cor, a raça, a voz, a auto-história, é ter coração que não nega suas raízes, suas ancestralidades, é ter a coragem de dizer “Com orgulho e emoção/ Não importa sua idade/ Ser negro de coração”, é autoamor e aceitação.

“Fátima, Presente!”: saberes populares, tradicionais e ancestrais dos quilombolas do Tocantins

Minha família está aqui há mais de cento e quarenta anos.
Nós temos todo um contexto histórico profundo.
O território da Ilha de São Vicente, com suas histórias
e sua ancestralidade, está conectado com as questões da sua
comunidade.
Fátima Barros

Maria de Fátima Batista Barros, saudosa Fátima Barros, professora e liderança quilombola do território Ilha de São Vicente, em Araguatins - TO, lutou bravamente pela titulação e pelo reconhecimento das terras de seu povo, no Quilombo Ilha de São Vicente. Com sua partida precoce em março de 2021, apesar da dor e da revolta, Barros deixa seu legado de luta e o desejo em muitos corações pela continuidade de seu trabalho. Ainda em um dos encontros de povos tradicionais, fez a seguinte declaração. Ouçamos, a seguir:

*Somos a luta daqueles que atravessaram o mar nos navios,
daqueles que retornaram em nós e que depois de nós
voltarão em outros guerreiros. Nós somos povo Banto!
Nós não morremos! Nós sempre voltaremos! Nós somos
guerreiros de Zumbi e Dandara, nós somos a força do
Quilombo (NOTICIA PRETA, 2021)³.*

Sendo assim, observamos que Barros vive na “força do Quilombo”, nos corações daqueles que a conheceram, na memória da luta, na força, nas histórias, etc. A sua luta não terá sido em vão, seu grito ecoa muito mais alto e agora, juntamente com seus ancestrais estará conduzindo as futuras gerações para as batalhas que estão aí (e aquelas, porventura, por vir), nos ensinamentos, nos saberes tradicionais e ancestrais utilizados pelos quilombolas⁴, a semente que Barros plantou, nos corações daqueles que tiveram o prazer de lhe ouvir/sentir, florescendo e trazendo frutos.

Falar de Barros é falar da sua luta pela defesa dos povos quilombolas, especialmente, no Tocantins. Tal qual em outros estados brasileiros, os escravos, no Brasil colonial, tiveram considerável participação no desenvolvimento sócio-econômico-cultural do estado do Tocantins. E para entender a presença do negro (especialmente dos escravos e da formação de populações tradicionais), neste território, é necessário retomar alguns elementos históricos sobre a própria região, no passado, intitulada de Capitania do Goiás. E, historicamente, é relevante reportar as duas principais rotas migratórias daquela antiga província goiana, as quais provocaram o deslocamento de bandeirantes⁵ e aventureiros portugueses, com a força do escravo, para o Tocantins: a rota do ouro, pela região sudeste; e a rota do gado, pela região norte. Essas rotas migratórias solidificaram, à época, a estrutura econômica e social do antigo norte goiano.

Giraldin (2002) explica que as primeiras minas de ouro dos sertões de Goiás foram descobertas em 1722, numa região habitada pelos índios Gojá, situada às margens do Rio Vermelho, um importante afluente do Rio Araguaia. Essas primeiras jazidas exploradas são consideradas pelo o historiador como o marco inicial de uma verdadeira “corrida do ouro” no território, popularmente conhecida, mais tarde, como as Minas dos Goyazes. Com a descoberta dessa área mineradora, a região logo tornou-se mira de grandes migrações, afinal, era a mineração objeto de todos os anseios: “o proprietário, o industrialista, o aventureiro, todos convergiam seus esforços e seus capitais para a mineração” (ALENCASTRE, 1979, p. 18). E, assim, deslocaram-se populações de todas as partes

³ Disponível em: <https://noticiapreta.com.br/morre-a-quilombola-fatima-de-barros-uma-das-principais-vozes-contra-a-violencia-no-campo/>. Acesso em: 20 ago. 2021.

⁴ “Existe um Brasil, o dos quilombos, e também um povo: os quilombolas”. Essa referência de Leite (1999, p. 124), de espaço geográfico e povo/comunidade, faz-se presente em todo este texto.

⁵ Os bandeirantes (mercenários em busca de riquezas) que por aqui chegavam visavam especialmente o ouro e pedras preciosas, além claro, de indígenas para escravização e, muitas vezes, extermínio de tribos e quilombos.

da colônia “[...], formando à proporção em que se descobria ouro, um novo arraial, [...] que podia progredir ou ser abandonado, dependendo da quantidade de riquezas existentes” (PARENTE, 1999, p. 58).

É relevante mencionar que dentre esses aglomerados populacionais, ocasionados pela descoberta de jazidas auríferas, na Capitania de Goiás, estavam os núcleos de quilombolas, lugar de esperança, de liberdade e símbolo de resistência às imposições da sociedade escravista. Eram vários os quilombos e numerosa “[...] a quantidade de negros e sua distribuição nas minas” (PARENTE, 1999, p. 75), a qual “variava conforme a sua alta produtividade e a escassez do ouro até o final da mineração” (LOPES, 2009).

A segunda rota, decorrente do Ciclo do Gado, aconteceu em razão da expansão da pecuária nos estados de Pernambuco, Bahia e o sul do Maranhão. Quando são minguidas as possibilidades de exploração do ouro, ora pela escassez do minério; ora pela proibição do governo, o gado, como afirmam Doles (1989) citado por Souza e Carneiro (1996, p. 42), a seguir:

representou um papel histórico importante, porque evitou, após a decadência da mineração, o total despovoamento e a falência econômica de Goiás, funcionando como elemento de fixação do homem e da ocupação de novas parcelas do território goiano (DOLES, 1989 apud SOUZA; CARNEIRO, 1996)

Neste contexto, verificamos que o apogeu agropecuário, especialmente, com a criação de bovinos, na região norte do estado do Tocantins despertou, com o declínio da economia aurífera, o interesse de vários comerciantes, proprietários de terras e de investidores nacionais, como os criadores de gado, além, claro, dos escravos negros, que trabalhavam nas lavras, nas roças, nas fazendas de gado e em outras atividades agropecuárias.

Tudo isso, com efeito, dava-se pela busca de terras (para morar, para plantar, para praticar a agricultura familiar e o extrativismo, e, sobretudo, criar gados), diversas imigrantes adentraram a região norte do território do atual Tocantins, a saber, diversos escravos, inclusive aqueles que tinham gados, obtidos como forma de pagamento de dívidas.

A agropecuária, com caráter tanto familiar quanto de grandes fazendas para criação de gado de corte, foi, portanto, outra válvula propulsora da formação de comunidades de negros escravizados e ex-escravizados, o que também, assim como a rota migratória do ouro, justificou a proliferação de comunidades quilombolas no território tocantinense, neste caso, em especial, na região central e sudeste do estado.

A Rota do Ouro e a Rota do Gado, nos áureos tempos do regime escravocrata, impulsaram, em busca de trabalho, o deslocamento de inúmeros escravos ao Tocantins, sendo essas duas importantes rotas migratórias, (in)diretamente molas impulsivas à constituição de inúmeras comunidades quilombolas no território tocantinense, durante a escravidão negra no Brasil. A formação desses quilombos, no Tocantins, provavelmente, ganhou proporção à medida que acolhiam escravos fugidos, a procura de condições geográficas favoráveis à permanência em liberdade.

Essas populações, em associações quilombolas, instituíram suas histórias e características próprias neste território, como “[...] localização, formas de economia, práticas culturais, organizações sociais, alforrias e resistência” (OLIVEIRA LOPES, 2009, p. 107), com particularidades advindas “tanto das experiências vividas cotidianamente quanto do conjunto de recordações e da memória social e mítica dos mais velhos”, que, decerto, “[...] são lembradas quando as histórias são narradas e passadas de geração a geração, formando o entrelaçamento de pertencimento à comunidade” (LOPES, 2019, p. 106). Merece destacar, ainda, que as comunidades quilombolas que se firmaram no antigo norte goiano, de maneira considerável, influenciaram e influenciam na cultura do estado, por meio, por exemplo, de “[...] suas danças, seus batuques, seus cultos, a culinária, os vestuários e enfeites; como também seus cantos [...]” (TAVARES; ALMEIDA, 2013, p. 212), contribuindo, sobremaneira, na identidade do tocantinense.

O estado, no presente momento, abriga 38 comunidades certificadas e 45 comunidades

reconhecidas pela Fundação Cultural de Palmares (FCP), sendo que as regiões sul e sudeste abrigam o maior número de comunidades quilombolas certificadas pela FCP no estado, num total de 28 comunidades, enquanto que as outras regiões (norte e centro) somam-se 17 comunidades. Esse quantitativo (45 comunidades), em sua maioria com processos formalizados para regularização fundiária de seus territórios no Instituto Nacional de Colonização e reforma Agrária (INCRA), revela, sobremaneira, a forma de ocupação do território do antigo norte goiano, bem como é possível confirmar a presença da cultura afro-brasileira em todo o Tocantins.

Segundo dados do INCRA (2019), foram emitidos duzentos e setenta e oito (278) Relatórios Técnicos de Identificação e Delimitação dos territórios quilombolas (RTIDs), oitenta e seis (86) Decretos, cento e cinquenta e seis (156) Portarias e vinte e quatro (24) Títulos em todo território nacional. Dessa forma, vários quilombolas foram beneficiados com a titulação de territórios. Nesse documento, é possível verificar que, no estado do Tocantins, as comunidades existentes não possuem regularização fundiária junto ao INCRA. Todavia, existem seis comunidades quilombolas que estão aguardando a tramitação de seus processos de posse de terra. Essas comunidades, por sua vez, aguardam a portaria de reconhecimento e, na sequência, o decreto de desapropriação e, por fim, a titulação de suas terras.

No momento presente, observa-se que a questão quilombola, no estado do Tocantins, continua ser tratada com ações pontuais e eventuais. O reconhecimento dos direitos dos quilombolas, respaldados constitucionalmente, principalmente quanto à titulação de suas terras, está esbarrando nos princípios que instituem a ordem pública e causando um mal-estar.

Soares, Oliveira e Pinheiro (2019, p. 194) destacam que a causa disso não está necessariamente associado “[...] ao reconhecimento pelo poder público e pelas instituições sociais acerca da pluralidade e das singularidades socioculturais dos quilombolas”, mas sim, “[...] em como fazer com as suas demandas sejam incluídas no processo democrático à participação, elaboração e decisão e, fundamentalmente, pela distribuição de recursos, além da criação de políticas públicas” (SOARES; OLIVEIRA; PINHEIRO, 2019, p. 194). Nesse contexto, urge a inserção efetiva nos processos democráticos governamentais, sendo extremamente necessários a criação de políticas públicas que garantam realmente os direitos dos quilombolas.

Para Esteves (2012), a descontinuidade das ações, muitas vezes, ocorre em função de mudanças de gestão pública, o que pode constituir o principal fator para o descumprimento de políticas públicas. Ou, como mencionam Soares, Oliveira, Pinheiro (2019), a ausência de uma Lei Estadual, a qual possa nortear a atuação do Instituto de Terras do Tocantins (ITERTINS) atuar, de forma mais efetiva, nessa questão, também tem dificultado o processo de regularização dos territórios.

À vista disso, nota-se que as comunidades quilombolas existentes em todo o estado do Tocantins anseiam e aguardam a regularização de seus territórios tradicionais, afinal, é neles que ocorre “[...] a reprodução cultural, social e econômica dessas comunidades, sejam eles utilizados de forma permanente ou temporária” (BRASIL, Decreto 6.040 de 07/02/2007, texto digital). A terra quilombola tem valor inestimável, uma vez que “[...] propicia condições de permanência e de continuidade das referências simbólicas importantes à consolidação do imaginário coletivo” (LEITE, 2000, p. 345). Dessa forma, assegurar o direito à territorialidade no estado do Tocantins, assim como em todo Brasil, é garantir a manutenção e a reprodução dos modos de vida quilombolas.

A topofilia nas vozes e nos versos quilombolas

O lugar, no senso comum, possui posição social e localização espacial, mas para Tuan (1979, p. 409) o lugar “possui espírito”, “personalidade” e existe “sentido do lugar”. Assim, o conceito de lugar para Tuan (1979) está associado à ideia do “pertencimento”, noção que está diretamente imbricado à questão da identidade do homem; aquilo que carrega seus aspectos e elementos do vivido e do experienciado.

E, por “pertencer”, entende-se que é aquilo ou aquele que faz parte ou é proveniente de algo (ou alguma coisa), aquilo que é peculiar ou particular de; que possui relação ou vínculo com alguma coisa, como um objeto ou um lugar (HOUAISS, 2007). Nesse sentido, o sentimento

de pertencimento relaciona-se “[...] ao sentimento de vínculo, relação, dependência, ligação, com determinado lugar, grupo, história” (ANDRADE, 2015, p. 37). Uma casa, enquanto lar, por exemplo, expressa a relação afetiva do indivíduo com seu lugar: um sujeito que reside em uma casa por um longo período, provavelmente, desenvolve vínculos afetivos, pessoais ou culturais, ou seja, sentimentos de pertencimento com o espaço.

Tuan (1983) citado por Ferreira (2000, p. 67) assevera que os lugares “[...] são núcleos de valor, por isso, eles podem ser totalmente apreendidos através de uma experiência total englobando relações íntimas, próprias (*insider*) e relações externas (*outsider*)”. Claval (2002, p. 20) salienta que falar de lugares, nesta percepção de vivências e experiências, é “[...] falar da significação do espaço para cada indivíduo e da maneira de construir objetos sociais a partir das experiências pessoais”, já que, a partir do lugar, o indivíduo constrói vínculos “afetivos, sociais, culturais, guarda seus mistérios, refúgio, confinamento, é o seu cosmo” (ANDRADE, 2015, 32).

Nesta linha de pensamento que vimos traçando, quando refletimos sobre a relação espaço e lugar, situamos a noção de lugar como espaço “[...] corporificado a partir de experiências, ambiguidades e valores humanos, que manifestam níveis distintos de especificidades” (MELLO, 2011, p. 07). Trata-se do espaço geográfico vivido e experienciado, incorporado como o lar, a cidade, a região em que se vive. Portanto, neste trabalho, tomamos o sentimento de pertencimento quando se refere a um determinado ponto do espaço, incorporado como o lar, a cidade, a região em que se vive etc.

A essa relação do homem e do espaço físico, Tuan (2012)⁶ articula o termo “topofilia”, como um neologismo, que se configura, em um sentido amplo, como elo afetivo do ser humano com o lugar, considerando, sobretudo, “a percepção, as atitudes e valores envolvidos na relação entre os seres humanos e o meio ambiente” (COSTA; ROCHA, 2010, p. 38). Seria a topofilia os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material, ou seja, ao elo de afeição que une as pessoas aos lugares (HOLZER, 2003, p. 117). E, em contraposição, há também a existência da topofobia, que, necessariamente, seria o sentimento de rejeição, de aversão ou de medo em relação ao lugar (mas, não é nosso foco, neste estudo, os sentimentos topofóbicos).

Nesta visão, o lugar é o espaço em que o indivíduo se encontra ambientado, no qual está integrado. Não é toda e qualquer localidade, mas aquela porção de espaço que tem significância afetiva para uma pessoa ou grupo de pessoas CAVALCANTI (1998 apus COSTA; ROCHA, 2010, p. 37). Sendo assim, o lugar, nessa concepção, é o resultado de significados construídos pela experiência, ou seja, trata-se de referenciais afetivos desenvolvidos ao longo de nossas vidas.

O lugar quilombola é manifestado por meio “[...] de um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas, instituições” (SANTOS, 1997), quais sejam os objetos, as ações, a técnica, o tempo. Trata-se de uma localidade específica “[...] com algum grau de enraizamento [...]” (ESCOBAR, 2005), no caso das populações quilombolas, tem-se propriamente o seu território físico. Essas populações tradicionais vêm buscando, em suas memórias, nos elementos identitários e históricos, a relação existente com o seu território físico, ambiental e simbólico, demonstrando as relações sociais estabelecidas dentro e fora das comunidades (LOPES, 2014, p. 9-10), exigindo das autoridades seus direitos e reivindicando uma identidade para além da identidade quilombola ancorada no decreto federal buscando, assim, serem reconhecidos como cidadãos afro-brasileiros, com direitos e deveres iguais aos demais brasileiros (PEIXOTO, 2014).

Falar do apreço aos lugares nas populações quilombolas perpassa falar da significação do território para esses indivíduos ou, melhor dizendo, no esforço coletivo de um grupo social para ocupar, usar, controlar e se identificar com uma parcela específica de seu ambiente biofísico, já que, ainda nos dias presentes, na maciça luta, encontram-se esses grupos culturalmente oprimidos pelo

⁶ TUAN, Yi-Fu. Topofilia. Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Eduel: Londrina, 2012. Holzer (2003, p. 116) considera que essa obra marcaria o ápice das investigações de Tuan sobre as atitudes humanas em relação ao ambiente. Holzer (2003) destaca que Tuan considerava seu esforço integrado ao impulso ecológico-ambiental surgido nos anos 60 e que, segundo ele, exigia, além de pesquisa aplicada, pesquisa teórica e científica. Holzer (2003, p. 117) ainda complementa que Tuan alertava para a disparidade entre objetivos, métodos, pressupostos filosóficos e escalas envolvidas nesta empreitada, que seriam unificados em um único tema: o modo como os seres humanos respondem a esse ambiente. Nenhum conceito abrangente, reconhece, une essas disparidades. Contenta-se, então, em estruturá-las em torno da “topofilia”, definida como o elo de afeição que une as pessoas aos lugares.

reconhecimento de seus territórios ancestrais e valores culturais. Há de se considerar, portanto, que se trata de um espaço construído a partir de “[...] uma constelação particular de relações sociais que se encontram e se enlaçam num *lócus* particular” (MASSEY, 1994, p. 322).

Na obra em tela, podemos verificar justamente essa tônica: “atrás de uma conquista, uma história existe”⁷. Ouçamos o que nos diz Divania Deltrude Moreira, no poema, a seguir:

Energia, por lá não existia não
Estrada, só os carreirinhos no chão
Água no rio íamos buscar, encanada não tinha por lá
Roça tinha sempre que prantar, o alimento não poderia faltar
Escolas poucos conseguiram frequentar, o trabalho duro não permitia estudar.
Uma comunidade parada no tempo, com lutas e sofrimentos,
com uma cultura desvalorizada
Com pessoas que tinha muito saber, mas não conseguiam ler e escrever. Em nenhum momento alguém quis parar para ouvir, pois achavam que nenhuma importância traria, que seu tempo perderia, essa era a realidade que naquele lugar existia. Hoje, tudo mudou. Aquele povo guerreiro foi a luta para seu direito conquistar, mostrou que saberes tinham de sobra e cada um deles algo vinha a significar sua cultura sempre a preservar mostrando o seu orgulho em ser daquele lugar.
Ser quilombola é saber representar, respeitar, lutar, sua identidade saber identificar, e o mais bonito em ser quilombola não é somente sua cultura preservar, mas sim saber valorizar.

Ao lermos o poema de Moreira, constatamos que ele apresenta dois tempos, ou seja, dois momentos, primeiro, a história passada do povo da comunidade, em uma rememoração singular e afetiva “Uma comunidade parada no tempo, com lutas e sofrimentos, com uma/ cultura desvalorizada”. A perspectiva topofílica é temporal, social, história e afetiva. Segundo, observamos que há mudança do texto, quando a voz poética afirma que: “**Hoje**, tudo mudou” (grifo nosso), este termo “Hoje”, representa uma mudança na perspectiva espacial e histórico-cultural, pois houve um processo maior de “representatividade”, formado de vozes coletivas e individuais, que passaram a ocupar seus espaços de direito, a partir do “lugar de fala”⁸, a partir do *locus* social e espacial (da topofilia).

O lugar é essencialmente um produto da experiência humana (LEITE, 1998). Partir desse pressuposto é compreender que a existência de um lugar pode ser explicitado pela maneira como “[...] as pessoas o percebem e lhe dão significado” (SANTOS, 2016, p. 174). E essas maneiras expressarem significados e os modos de sentir dos quilombolas em relação à topofilia podem ser observados nos trechos de poemas quilombolas, respectivamente, de autoria de Jader Vinicius da Silva, de Rosâna Pereira de Souza e de Rojaima Ferreira da Costa. Ouçamos os fragmentos poéticos, a seguir:

Sou feliz como posso
Com o passar do dia a dia
Pra aumentar o meu carisma
Moro com a minha família.⁹

Lugar onde o brincar na chuva, o sentir da terra sobre os pés descalços no chão, viver cada segundo as histórias de vida e lutas contadas pelos mais velhos e seus antepassados, lugar de pessoas acolhedoras, esse é meu quilombo.¹⁰

7 Autora Divania Deltrude Moreira, da Comunidade Areia – Território Kalunga.

8 De acordo com Djamila Ribeiro (2017, p. 65) “lugar de fala” é o lugar social que se pode ocupar “O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir” (RIBEIRO, p. 65)

9 Autor Jader Vinicius da Silva, da Comunidade Lagoa da Pedra, Município de Arraias – TO.

10 Autora Rosâna Pereira de Souza, Comunidade Cocalinho, Município de Santa Fé do Araguaia – TO.

Sim! Com certeza.
Não vou negar!
Não tenho vergonha
De declarar
Minha cor já diz.
Sou negro, sou feliz.
Não tenho medo de ser.
Nasci assim, assim vou
morrer!
Minha comunidade
É meu lar!
Lá eu quero viver
Lá eu quero trabalhar.¹¹

Nesses fragmentos, bem como em outros poemas apresentados na obra *corpus* de análise, podemos constatar o sentimento de pertencimento ou de pertinência dos indivíduos à sua comunidade. Nota-se justamente o sentimento de vínculo, relação, dependência, ligação com o lugar, grupo e história quilombola preconizado por Andrade (2015). Pode-se verificar isso mediante a felicidade e a alegria de viver no chão do quilombo, com contentamento da vida simples “Sou feliz como posso”, com a vida experienciada pela relação com a natureza “Lugar onde o brincar na chuva, o sentir da terra sobre os pés/ descalços no chão”, pelo sentimento de coletividade “Nasci assim, assim vou/ Morrer!/ Minha comunidade/ É meu lar!”, versos que afirmam uma força identitária, a força de viver em comunidade, configurando as relações socio-histórico-cultural de grupos étnico-sociais.

Toda esta poesia quilombola mobiliza um sentimento de afetividade e de vínculo com o lugar, com o espaço, portanto, a relação da(o)s quilombolas sob diferentes aspectos topofílicos coadunam com os traços culturais, identitários e da memória destas populações, estabelecidos a partir de vivências e de múltiplas experiências coletivas e individuais que vão ajudar na construção do sentido de lugar, como um *locus* biofísico afetivo e cultural, que se configura pela riqueza de saberes tradicionais e de uma memória que não pode se perder, especialmente, pelo arvoramento e pelas raízes que fazem como um elo de ligação entre as gerações e as famílias quilombolas.

Identidade(s) quilombolas

As comunidades quilombolas são constituídas por uma imensidão de conhecimentos, sejam eles, com respeito ao manuseio da terra, as formas de plantio e de colheita, com a manipulação de plantas (usadas, comumente, como remédio para cura de alguma enfermidade), com relação ao tempo nas mudanças de temperatura e suas influências, na lida com os animais, no manejo dos alimentos, na produção dos artesanatos. Tudo está incorporado nos modos de vida quilombola, dos saberes que vem dos mais velhos, sejam por conversas entre pais e filhos, seja pela observação dos afazeres ou nas histórias contadas e cantadas. Olindina Serafim Nascimento (2009) aponta que:

[a] memória tem grande relevância para as comunidades negras rurais¹². A preservação de seus valores, práticas religiosas, técnicas e outras expressões culturais, foram herdadas dos antepassados através da tradição oral (NASCIMENTO, 2009, p. 1).

Sendo assim, compreender o quilombo apenas como lugar de refúgio, de fuga dos negros escravos, seria simplificar a noção complexa de quilombo, tendo em vista que, Beatriz Nascimento (2018, p. 292), assevera que quilombo “[...] passou a ser sinônimo de povo negro, de comportamento

11 Autor Rojaime Ferreira da Costa, da Comunidade Córrego Fundo, Município Brejinho de Nazaré – TO.

12 O termo quilombo se ressemantizou.

do africano e de seus descendentes e esperança para uma melhor sociedade”. Nesta acepção, quilombo, para além de lugar de refúgio, tornou-se lugar de memória, cultura, pensamento, modos de vida, esperança etc., lugar onde a força se encontra presente em cada olhar e cada história de vida. Por isso, acreditamos que ser quilombo, é ser resistência, no sentido, de preservação de laços psicossociais, lugar de afetividades indenitárias.

E, neste contexto, ao se trazer a premissa de esperança em busca de uma sociedade mais sustentável e melhor, observa-se que a partir dos saberes que emergem de dentro do quilombo, seria possível uma mudança ou novas possibilidades para uma reconfiguração das estratégias utilizadas hoje pela sociedade em relação ao consumo, levando ao bem-viver, no sentido daquilo que Ailton Krenak (2020, p. 08-09) define como: “[...] experiência de manter um equilíbrio entre o que nós podemos obter da vida, da natureza, e o que nós podemos devolver. É um equilíbrio, um balanço muito sensível e não é alguma coisa que a gente acessa por uma decisão pessoal”. Sendo assim, a ideia é macro na sociedade, do ponto de vista do desenvolvimento sustentável.

A partir dos fragmentos poéticos selecionados, observamos a valorização dos ensinamentos tradicionais, das plantas que se transformam em remédios, o que implica em outras relações com a vida, com a flora e a fauna. Ouçamos Maria Anita Gualberto Pereira (2016), a seguir:

[...]
Ser quilombola é valorizar as plantas
medicinais
São de grandes variedades
Fazemos remédios caseiros
Substituindo os da cidade

É preservar e querer falar
Sobre os nossos animais
Uma enorme variedade
Esses são os principais
[...] (PEREIRA, 2016, p. 51).

Nesse sentido, vemos que é a memória da “preservação” que está em jogo, são os ensinamentos passados de geração a geração, os saberes, comumente, transmitidos por meio da tradição oral, as heranças trazidas pelos negros de África, como assevera Amadou Hampâté Bâ (2010, p. 172), é “[...] a tradição africana, portanto, concebe a fala como um dom de Deus”. Desse modo, temos confirmado a importância da dimensão da fala para os africanos, que é vista, como algo sagrado, como palavra de poder e de saber. À vista disto, a oralidade garante meios de as gerações sobre(viver)em, ela é viva e conserva a cultura, como podemos verificar nos versos de Gabriela Pereira Silva (2016), a seguir:

[...]
Família criada com muita tradição
Que vem passando de geração em geração
Que se realiza sempre e jamais será esquecida
Pois faz parte das nossas vidas [...] (SILVA, 2016, p. 58).

Nesse sentido, o quilombo caracteriza-se como lugar de saberes tradicionais, de tradição, de perpetuação de laços identitários e de sentimentos de pertencimento. De acordo com Rogerio Maciel e Edilene Rozal (2017, p. 645) “[...] Os diálogos sobre os saberes tradicionais desenvolvidos por jovens e adultos estão constituídos pela relação das populações tradicionais com o meio ambiente”. Dessa forma, é possível compreender que a relação das comunidades quilombolas com a terra, com o lugar, com o meio ambiente e tudo que dela é constituído, é valorizado e perpetuado entre as gerações. Rita de Cássia Domingues Lopes (2020), afirma que:

[a] s comunidades remanescentes de quilombo que são identificadas no Brasil têm suas características próprias e suas

ligações com o lugar, com a terra, com o rio, com o cerrado, com a floresta, com as veredas, com as serras, isto é, um aspecto de seu modo de vida está ligado ao meio ambiente (ao bioma) em que vivem. A sabedoria em usar plantas medicinais; saber o tempo de plantar e colher; o período das festas, das danças, das orações, entre outros saberes, para as mais de 3 mil comunidades remanescentes de quilombos certificadas pela Fundação Cultural Palmares pelo país demonstram a forma como foram se apropriando dos lugares ao longo do tempo e também como foram construindo a sua forma de estar e ver o mundo, e de serem vistas (LOPES, 2020, p. 106).

Desse modo, conforme aponta a autora, é da terra que as comunidades retiram o alimento, é dela, muitas vezes, que as famílias provêm o sustento, é nela onde constroem suas habitações e aprendem desde muito cedo, que precisam cuidar e preservar o lugar que vivem, pois este espaço carrega o suor, o sangue e as lágrimas dos que foram resistência no passado e daqueles, hoje, que seguem resistindo à cobiça por seus territórios, como enfatiza o quilombola Carlos Eduardo Negres Victorio (2016), nos versos a seguir:

[...]
Sou negro Guerreiro com meus pés no chão...
Defendo com orgulho a nossa linda tradição...
Sou negro guerreiro com meus pés no chão...
Um quilombo com tantas diversidades que eu
amo de coração [...] (VICTORIO, 2016, p. 47).

Sendo assim, Victorio expressa a sua afetividade pelas tradições quilombolas, por sua raça, por ser “negro Guerreiro com meus pés no chão...”, expondo o amor à “diversidade” do seu povo, pois um quilombo é constituído também de sentimentos de coletividade, de força de luta, de trabalho etc., enfim, é um chão que transborda memórias e inúmeras histórias de vida.

Histórias de vida, sentimento de pertencimento (a topofilia) estão presentes nos poemas postos em tela, e pertencer está intrinsecamente ligado à ancestralidade e a questão da identidade, como é possível observar no poema “Sou um quilombola guerreira”, de Laurenita Gualberto (2016), a seguir:

Sou uma quilombola guerreira
Guerreira com muito amor
Não uso arma, nem tão pouco espada
No pensamento carrego a dor.

Negra de coração
Corajosa por herança
Amiga da liberdade
Com um coração de criança.

Negra e refugiada
Faço da resistência o meu escudo
Descendente de escravos
Meu quilombo é meu mundo.

Tenho fé e acredito
No resgate da identidade
Em meio a tantas lutas
No quilombo há felicidade (GUALBERTO, 2016, p. 35).

Ao analisarmos o poema, constatamos que Gualberto faz da sua ancestralidade “Descendente

de escravos/ Meu quilombo é o meu mundo”, um sentimento topofílico de afeto e de resistência. Toma para si, a força da identidade que está na memória, na disposição e determinação em defender seu território “Faço da resistência o meu escudo”. Também podemos constatar o conceito de quilombola que Ariadne Cezar Nogueira (2016) mobiliza nos seguintes versos:

Quilombola não é simplesmente um partido político ou um time de futebol, que você troca a qualquer momento.

Ser quilombola é defender sua raça, sua cor, sua cultura, e sua religião independentemente de qual seja ela, porque ela está em nossas veias.

Ser quilombola é você ter a sua própria identidade, em qualquer lugar do mundo.

Ser quilombola é você se orgulhar, do nosso próprio país, que tem a cara da nossa gente (NOGUEIRA, 2016, p. 55).

Sendo assim, Nogueira defende que ser quilombola é aquilo que corre em suas veias “Ser quilombola [...] está em nossas veias.”, ou seja, é a ancestralidade, a raça, é os modos de ser e estar no mundo, é a valorização da identidade negra. Contribuindo, ainda, com o conceito de identidade quilombola, Saulo L. Fernandes, Dolores C. G. Galindo e Liliana. P. Valencia (2020, p.05) afirmam que “[...]define-se pelas relações de poder que se lançam sobre os quilombos, como necessidade política de construir para si formas de enfrentamento às forças hegemônicas”. Nesse sentido, o fortalecimento da identidade negra também é uma estratégia política (de poder) frente às forças hegemônicas.

Ainda nos versos de Katiane Dionízio de Santana (2016), podemos ouvir a seguinte declaração:

Às vezes inconscientemente vamos dar a oportunidade de outras pessoas dizerem quem somos, então, meu caro, se auto-reconheça e mostre que não serão eles que irão te definir, diga em alto e bom som que “SOU QUILOMBOLA” e essa é minha história, povo forte de riqueza e cultura magnífica (SANTANA, 2016, p. 63).

Nesses versos, constata-se que Santava chama a atenção para que as/os quilombolas ocupem seu “lugar de fala” (RIBEIRO, 2017), para que ocupem seus lugares de direito e se auto-reconheçam quilombolas. É impossível pensar uma comunidade quilombola como sistema social individual, uma vez que ela é constituída de uma consciência coletiva e do sentimento de compartilhamento, como podemos observar nos seguintes versos:

Ser Quilombola é ser forte
É não negar a sua cor
Não negar a sua origem
É mostrar seu valor
Antes éramos desprezados
Só servia como escravos
Hoje, somos sonhadores.

Ser Quilombola é ter cultura
Cultura em uma comunidade
Onde trabalhamos juntos
Em termo de igualdade
Um por todos, todos por um

Somos simples e comum
Não existe falsidade [...] ¹³ (COSTA, 2016, p. 67).

Sendo assim, Costa (2016) demonstra que a coletividade também sonha “somos sonhadores”, trabalham juntos “trabalhamos juntos” e que tem direitos em conservar as suas raízes e compartilhar vidas “Um por todos, todos por um”, na preservação da cultura e identidade, cuja coletividade tem direitos à existência.

Considerações Finais

A obra “Quilombolas do Tocantins: Palavras e Olhares” (2016), organizada pela Defensoria Pública do Estado do Tocantins, contém um acervo rico de poemas, em que aparece o sentimento de topofilia. Trata-se de uma “obra-memória”, em que o negro quilombola pode expressar o enaltecimento das suas raízes, da sua raça, dizer da alegria da sua ancestralidade, falar das suas tradições etc. Nestes poemas podemos observamos os modos de vida, as auto-declarações do que é ser “quilombola” e os olhares “compartilhados” a partir do chão do quilombo.

O território quilombola, conforme Leite (1991) enquanto lugar é muito mais do que possibilidade de fixação; é a condição para a existência do grupo e de continuidade de suas referências simbólicas. É um lugar com um nome, uma referência forte no imaginário do grupo, devido à construção/consolidação das noções de pertencimento. Um espaço conquistado pela permanência, pela convivência, que ganha importância de uma tradicionalidade, ao servir de espaço para a existência de um grupo de pessoas aparentadas por afinidade e consanguinidade ou, até mesmo, por uma afiliação cosmológica (BRASIL, 2013, p. 439). Nessa direção, o espaço geográfico em que se encontram situados as comunidades quilombolas, não representa, apenas, uma porção de espaço territorial política e geograficamente delimitada, o lugar (a topofilia) quilombola integra cultura, simbologias e significações do grupo e isso é verificado em diversas manifestações orais (ou em registros orais-escritos, como apresentados neste texto).

A força da resistência das comunidades quilombolas, o lugar de fala, os conhecimentos, os saberes e a luta em relação aos seus direitos, tudo isso a poesia concede ocupar como expressão viva quilombola. O que intentamos articular, neste estudo, foi uma reflexão da dimensão da topofilia e as camadas complexas psicossoculturais que com ela são estabelecidas, como contributos identitários e simbólicos. E, por meio da produção poética consegue-se identificar a força das vozes singulares de quilombolas do Tocantins.

Por fim, acreditamos que para se diminuir as violências contra os quilombolas brasileiros, que façam valer, pelo Estado brasileiro, seus direitos de propriedade (e uso do território para a produção) e seus direitos sociais à uma vida mais digna.

Referências

ALMEIDA, L. **Morre a quilombola Fátima de Barros, uma das principais vozes contra a violência no campo**. Notícias Preta, 07, abril e 2021. Disponível em: <https://noticiapreta.com.br/morre-a-quilombola-fatima-de-barros-uma-das-principais-vozes-contr-a-violencia-no-campo/>. Acesso em: 20 ago. 2021.

FERNANDES, S. L.; GALINDO, D. C. G.; VALENCIA, L. P. **Identidade quilombola: atuações no cotidiano de mulheres quilombolas no agreste de alagoas**. Psicologia em Estudo, vol. 25, e45031, 2020.

GONÇALVES, P. A. C. A.; NOGUEIRA, R. D. S. (org.). **Quilombolas do Tocantins: Palavras e Olhares**. Palmas: DPAGRA, 2016.

HAMPATÉ BÂ, A. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph. **História geral da África I: Metodologia e pré-**

¹³ Rojaime Ferreira da Costa

história da África. Brasília: UNESCO, 2010.

HISTÓRIAS DA ILHA. **O Quilombo Ilha de São Vicente**. Disponível em: <https://www.historiasdailha.com/o-quilombo>. Acesso em: 22 ago. 2021.

MACIEL, R. M.; ROZAL, E. F. **Saberes tradicionais de jovens e adultos e a presença de conceitos geométricos em Tracuateua/PA**. Educação, v. 42, n.3, set./dez. 2017.

NASCIMENTO, O. S. **Proposta de educação quilombola para as escolas das comunidades quilombolas do Sapê do Norte**. 2009. Disponível em: <https://www.anpae.org.br/simposio2009/271.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2021.

NASCIMENTO, M. B. (1942-1995). **Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual: Possibilidade nos dias da destruição**. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018. 488p.

RIBEIRO, D.. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

Recebido em 24 de agosto de 2022.

Aceito em 20 de setembro de 2022.